

QUERIDO DIÁRIO: ESCRITA-LEITURA-REFLEXÃO NO PIBID DE PORTUGUÊS DA UFRJ

Camila Silva Mendes ¹

Marcos Vinícius Scheffel ²

Paulo Gustavo Santos da Silva ³

Victor Figueiredo Souza Vasconcellos ⁴

RESUMO

O subprojeto de Português e Literatura do PIBID da UFRJ desenvolve-se em uma escola do município do Rio de Janeiro: o Ginásio Experimental Tecnológico Bahia (com dois núcleos) e o Colégio Pedro II da Tijuca. Um dos pressupostos teóricos do subprojeto é a inter-relação das atividades de leitura e escrita, incluindo-se a escrita literária como forma de aprendizagem do jogo de regras que é a literatura, conforme proposto por Colomer (2007). Nesse sentido, o gênero diário surge como um eixo articulador propondo aos bolsistas sua escrita, sua leitura e a reflexão acerca das suas características e das possibilidades do gênero na educação básica. Enquanto escrita íntima o diário possibilita reflexões pessoais sobre: tornar-se professor no contexto contemporâneo, a vida acadêmica, a vida pessoal (família, colegas) e o trânsito por diferentes espaços da cidade. Essa escrita do diário pessoal dialoga com a leitura do livro Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus (2014) e de outros diários íntimos como o de Lima Barreto e o de Anne Frank. Há também a análise das leituras teóricas e as atividades desenvolvidas para o PIBID nas escolas parceiras: o diário de campo, que possibilita aos supervisores e ao coordenador acompanhar o desenrolar do programa e promover ajustes quando necessário. Em termos pedagógicos, na educação básica, propõe-se a escrita dos chamados diários de leitura: texto em primeira pessoa que promove a análise de outros textos (MACHADO, 2007). Para melhor compreender as possibilidades didáticas e formativas do gênero, realizamos a análise dos diários produzidos pelos 24 bolsistas desde o primeiro dia do programa.

Palavras-chave: Formação docente; ensino de literatura; diário íntimo; diário de campo, diário de leitura;

INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Português e Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora da Ginásio Experimental Tecnológico Bahia Camila Mendes, supervisora do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), mendes.camila92@gmail.com;

² Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, professor da Faculdade de Educação da UFRJ, coordenador do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), marcos.scheffel53@gmail.com;

³ Mestre em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor da Ginásio Experimental Bahia, supervisor do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), pgustavoprofessor@gmail.com;

⁴ Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade, professor do Colégio Pedro II, supervisor do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), victorfsvasc@yahoo.com.br.



O presente trabalho discute os resultados parciais do subprojeto de Português e Literatura do Programa de Iniciação à Docência da UFRJ que foi iniciado em maio de 2025 e se estenderá até abril de 2027. Este subprojeto é composto por um coordenador (professor da UFRJ), três supervisores (professores da educação básica) e vinte e quatro bolsistas de iniciação à docência. O subprojeto é formado por três núcleos que contam com um professor supervisor e oito bolsistas. Dois núcleos estão sediados no Ginásio Educacional Tecnológico Bahia⁵, localizado no Complexo da Maré, e outro núcleo tem como sede o Colégio Pedro Segundo da Tijuca, bairro de classe média da cidade do Rio de Janeiro.

Adotamos com os pibidianos a escrita de diários para o registro das atividades desenvolvidas em cada núcleo. Esses diários ficam disponíveis em um drive e podem ser acessados pela coordenação, pelos supervisores e pelos bolsistas. De certa forma, podemos considerar como diários de campo, mas que trazem um traço de diários mais literários, pois são permitidos registros mais pessoais como reflexões sobre os desafios da docência e as dificuldades enfrentadas na vida acadêmica ou no trânsito pela cidade do Rio de Janeiro. Por conta desta característica, estimulamos a leitura de diários íntimos – gênero literário com grande entrada na escola brasileira, destacando-se as leituras dos seguintes diários: Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus; Diário Íntimo, de Lima Barreto e o Diário de Anne Frank. O foco nessas leituras visa o reconhecimento das principais características estilísticas deste gênero e dos temas abordados por estes autores que cultivaram essa escrita de si.

⁵ Escola pertencente a Secretaria Municipal de Ensino do Rio de Janeiro (SME-RJ) e que, em 2024, tornou-se um GET (Ginásio Educacional Tecnológico), isto é, uma escola de ensino integral que contém um espaço com recursos tecnológicos, o Colaboratório, onde são ministradas aulas que integram os componentes curriculares do currículo carioca com as tecnologias digitais da informação e comunicação, cultura digital e pensamento computacional.



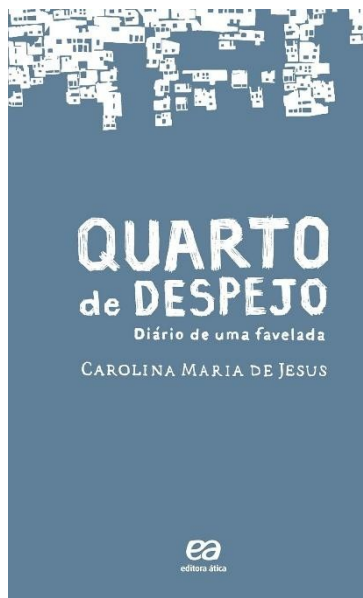
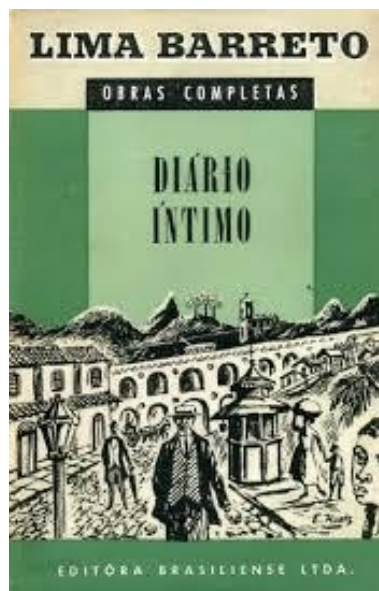


Imagem 1 – Diários analisados pelos pibidianos

Também se deve destacar que no Colégio Pedro II os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e do 2º ano do Ensino Médio, das turmas ligadas ao professor supervisor, têm se dedicado à escrita do chamado diário de leitura que se trata do registro das impressões de leitura de determinada obra literária. Dessa forma, os bolsistas se viram como escritores de diários, leitores de diários de grandes autores e também leitores de diários de alunos da educação básica, que precisam de orientações para esta escrita. É sobre estas práticas pedagógicas que pretendemos trazer alguns resultados iniciais.

METODOLOGIA

A base de análise dos resultados parciais desta pesquisa são os diários produzidos pelos vinte quatro bolsistas de iniciação à docência. Entre maio e o início do mês de outubro de 2025, eles produziram cerca de trezentas páginas – dando em média doze páginas por bolsista. Como o objetivo do programa é estimular à iniciação à docência – entendida como “a vivência do seu futuro campo de atuação profissional durante toda a graduação” (CAPES, 2024) – compreendemos que a escrita do diário pode produzir os seguintes resultados: 1)



reflexões sobre o fazer docente; 2) leitura e apropriação de referenciais teóricos relevantes da área (indicados pelo coordenador e pelos supervisores); 3) análise do contexto de cada escola / rede de ensino; 4) questionamento sobre práticas pedagógicas / instrumentos de avaliação / materiais didáticos; 5) percepção da importância do trabalho coletivo; 6) construção de uma identidade docente / de um compromisso com a docência; 7) desenvolvimento de uma escrita autoral que será importante para seu trabalho como professor de português que estimula autorias na educação básica.

Já para a coordenação do subprojeto e para os supervisores a leitura dos diários dos bolsistas permite acompanhar o desenvolvimento pessoal de cada bolsista e a efetividade das propostas de trabalho, permitindo ajustes no decorrer do projeto. São esses aspectos que pretendemos assinalar, tomando trechos dos registros realizados nos diários pelos bolsistas do programa. É importante destacar, que ao ingressarem no programa, os bolsistas assinam um termo de compromisso que nos permite a utilização dos materiais por eles produzidos para divulgação científica, incluindo-se aí os registros feitos nestes diários.

REFERENCIAL TEÓRICO

No seu clássico livro “O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet” (2008), o pesquisador Philippe Lejune dedica a quarta parte do seu estudo aos diários – gênero que tem grande tradição entre escritores, intelectuais e pessoas comuns na França, mesmo com o avanço da internet. Lejune elenca alguns dos principais traços do gênero, a saber:

- 1) “A base do diário é a data. O primeiro gesto do diarista é anotá-la acima do que vai escrever.” (LEJEUNE, 2008, p.260)
- 2) A forma do diário é muito livre. O diarista pode recorrer à memória, as percepções do cotidiano, a registros narrativos ou líricos, a entradas mais longas alternadas com entradas muito curtas (LEJEUNE, 2008, p.261)
- 3) O diário tem as seguintes utilidades: a) Conservar a memória; b) Sobreviver; c) Desabafar; d) Conhecer-se; e) Deliberar; f) Resistir; g) Pensar; h) Escrever. (LEJEUNE, 2008, p.261-265)



Para a escrita de seus diários pessoais, os bolsistas foram orientados no sentido de explorarem tais recursos do gênero. A percepção dessas possibilidades amplas do diário se deu pela leitura e discussão de outros diários em especial o diário de Carolina Maria de Jesus e o de Lima Barreto – dois autores negros e periféricos que registraram de maneira crítica o espaço e o tempo que viveram. Esses dois autores exploraram todas as “utilidades” do diário: conservaram a memória (ambos são muitos citados por historiadores e sociólogos para entender o Brasil); sobreviveram (ao racismo da época em que viveram); desabafaram (sobre as dificuldades que encararam no seu dia a dia); conheceram-se (reconhecendo falhas em suas atitudes); deliberaram (Lima Barreto lutando contra o alcoolismo e Carolina Maria de Jesus desejando tirar os filhos da favela); resistiram (principalmente contra aqueles que duvidaram de seus potenciais); pensar (sobre o seu tempo); escreveram (ambos se dedicaram totalmente à escrita e à leitura – procuram ter em sua rotina diária espaços de escrita e de leitura). Todos esses traços característicos dos diários são desejáveis para futuros professores e podem ser resumidos como perceber que a escrita é uma forma de agir no mundo.

Sobre os diários de leitura os dois principais referenciais teóricos que nos guiaram foram o livro *O diário de leituras – a introdução de um novo instrumento na escola*, de Anna Rachel Machado (1998) e o ensaio “O diário de leitura no ensino fundamental: considerações iniciais” (2016) da professora Raquel Cristina de Souza e Souza do Colégio Pedro II de Realengo, que conversou com um grupo de pibidianos sobre suas pesquisas e suas práticas pedagógicas em torno dos diários de leitura.

RESULTADOS DA DISCUSSÃO

A análise dos diários dos vinte e quatro bolsistas do PIBID só pode se dar em forma de um recorte de alguns aspectos que os três supervisores e o coordenador do programa visualizam como importantes para construção de uma identidade docente comprometida com a “humanização dos homens” como entende Paulo Freire:

“O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros. A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este



medo quase sempre resulta de um “compromisso” contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutros.” (FREIRE 2014, p.22)

A análise dos registros dos bolsistas procura perceber os momentos em que esses licenciandos em formação colocam-se no lugar de futuros professores que terão que tomar uma posição diante dos desafios da docência. Compromissos estes que não estão desligados de quem eles são, de onde eles moram, das relações que estabelecem fora da escola, da sua história de leitores / de ex-alunos da educação básica (a grande maioria de escolas públicas), da sua formação (em curso) na graduação, pois não posso separar minha atuação como homem de minha atuação como profissional (FREIRE 2014, p.24-25).

Vejamos alguns trechos dos diários para em seguida comentar alguns aspectos⁶:

27 de junho de 2025, 12h

Estou no ônibus a caminho do Pedro II. Recebi, na semana passada, os diários das crianças... Engraçado chamá-los assim, já que muitos têm quase a minha idade, rs. Lembro que li os diários pela primeira vez sentada no ônibus, num trânsito — infernal — de volta para casa. Foi a primeira vez que toquei, de fato, materiais físicos de alunos para corrigi-los. Hoje, reli os textos, novamente no ônibus, mas agora no trajeto de ida para o trabalho. Fiz algumas anotações e enviei ao Victor **[supervisor do PIBID]**. (Clara)

26 de agosto de 2025.

Nessa semana, tive a oportunidade de ler o livro "Ouvir nas entrelinhas", de Cecilia Bajour **[leitura teórica indicada pelo coordenador do programa]**, e, a partir dele, suscitar algumas reflexões.

Com essa leitura, pude entrar em contato com o fato de que escutar também é ler. Nunca tinha ouvido isso antes! Mas achei uma perspectiva incrível. Pensar que ouvir outros relatando suas experiências de leitura também se constitui como um ato de ler. Ler através do outro. Ler em construção com outro.

Isso traz, certamente, uma série de implicações para a dinâmica de leitura coletiva em sala de aula. Acho que, principalmente, tira um pouco a ideia de que um texto só possui um significado, uma interpretação, já posto, já dado e que deve ser transmitido aos alunos. Ao contrário, coloca o professor em uma posição de "humildade", pois este tem a noção de que ele mesmo pode se surpreender e ganhar com os pontos de vistas de seus estudantes. (Fernanda)

9 de julho de 2025, 17h32

[...] Eu prefiro aulas menos densas, como essas com músicas ou poemas, mas tem gente que consegue absorver melhor o conteúdo em aulas mais “tradicionais” como essa de hoje, que o professor escreve bastante no quadro, faz setas e esquemas. Acho que utilizar metodologias diferentes faz parte da docência, para que todos os alunos consigam alcançar determinado conhecimento, não se pode ficar preso em apenas um método de ensinar. (Francisco)

⁶ Os colchetes são utilizados aqui para sinalizar a supressão de algum trecho inicial da entrada do diário ou alguma informação para melhor compreensão dos leitores deste trabalho (nestes casos usamos também o negrito).



28/07/2025

Ainda pensando na minha relação com a leitura **[eles foram incentivados a refletirem em algum momento no diário sobre sua história de leitores]**, percebo como ela foi se transformando ao longo do tempo. Na faculdade, passei a me interessar mais pelos textos teóricos e literários que antes pareciam "difíceis demais". Acho que, com o amadurecimento e o contexto das aulas, ficou mais fácil entender a importância dessas leituras e até curtir o desafio.

Pensando nisso, vejo o quanto essa trajetória influencia no meu olhar como futura professora. Com o 6º ano **[da Escola Municipal Bahia – núcleo supervisionado pela professora Camila]**, por exemplo, pra conseguir criar uma aproximação real com a leitura e formar novos leitores, é fundamental trabalhar com obras que tenham relação com a realidade deles. Textos que conversem com suas vivências, com sua linguagem, com o que eles sentem e vivem no dia a dia. Assim como eu me senti leitora de verdade quando me vi nas histórias, acredito que os alunos também precisam se ver nos livros pra que a leitura faça sentido. Esse é um dos caminhos que quero seguir na minha prática docente. (Akemi)

Segunda-feira, 09 de junho de 2025.

Esse foi um dia atípico. Os alunos entraram mais tarde por conta de tiros que foram ouvidos mais cedo **[a suspensão das aulas por conta de tiros e operações policiais é recorrente em várias escolas municipais do Rio de Janeiro, incluindo a Escola Municipal Bahia]**. Mas acabou que outro professor tomou o tempo da Camila, então não ficamos com os alunos, pois as aulas de português só foram depois do almoço. O que fizemos foi montar o mural da 1602 e foi divertido, mas senti falta das crianças. Foi um dia que eu não estava muito bem, então só queria ir pra casa dormir. Confesso que aquele dia eu não estava muito afim de ir.

11/09

Terminei hoje “Quarto de despejo” e resolvi escrever um pouco sobre ele. Não sei se foi um sentimento comum, mas em alguns momentos da leitura eu simplesmente esquecia que naquele livro continham relatos reais.

Eu ficava esperando para uma resolução dos problemas, para um final feliz, mas nada disso acontecia e quando me sentia frustrado com o desenrolar dos eventos, lembrava que aquilo era um diário de uma pessoa real.

Os eventos são trágicos e repetitivos como a vida de muitos pretos favelados daquele local. A última frase do livro é de Carolina, mais um dia, saindo bem cedo para pegar água e isso me deixou bem triste.

Acredito que você só se sente um pouco confortado quando lê um pouco mais da história de Carolina e vê que finalmente sua história foi reconhecida.

Nesse mesmo dia em que terminei o livro, a Unidos da Tijuca seleciona seu samba campeão **[as escolas de Samba do Rio de Janeiro promovem eventos para escolha de seu samba enredo]** e temos o seguinte fragmento:

“Muda essa história, Tijuca

Tira do meu verso a força pra vencer

Reconhece o seu lugar e luta

Esse é o nosso jeito de escrever”

É reconfortante ver como Carolina teve seus escritos revisitados, mas também sua vida narrada através da literatura se tornou sinônimo de luta. (Danilo)

16 de junho

Hoje foi dia de aplicarmos a prova da prefeitura para as duas turmas do sexto ano **[da Escola Municipal Bahia – núcleo supervisionado pela professora Camila]**. É uma experiência curiosa porque é como se tivéssemos aplicando a mesma prova do bimestre passado, já que a prefeitura parece seguir o mesmo modelo e só alternar os



textos usados. Isso me faz pensar bastante sobre como eles pensam que questões como "Qual o personagem principal do texto?", ou "Qual a utilidade da interrogação na frase?" fariam os alunos interpretarem e pensarem criticamente a história apresentada. E são textos que poderiam ser trabalhados de forma produtiva, mas sempre encontramos os mesmos tipos de questões.

Apesar disso, fiquei feliz de notar a presença de fábulas na prova, gênero que trabalhamos bastante com os alunos em sala.

O final do período está se aproximando e tudo fica meio caótico, mas tenho tirado um tempo para reler "Quarto de despejo" e pensar mais na minha escrita em forma de diário. Confesso que tenho um pouco de dificuldade para me abrir e falar mais aqui, mas vou me esforçar mais e espero que isso melhore. (Fernanda M.)

Terça-feira, 13 de maio de 2025

Hoje foi um dia atípico... embora, pra ser sincera, quem mora em favela sabe que esse "atípico" já virou o normal. Não deveria ser, mas a gente se acostuma. Cria um jeito de lidar com isso.

Acordei cedo, minha mãe já tinha saído pra trabalhar, ela sempre sai antes de mim. Meu irmão comentou que estava ouvindo o barulho de helicóptero. Fui ligar a TV e vi que estava acontecendo uma operação na Vila do João. Tinham matado um dos líderes do TCP [**sigla da organização criminosa Terceiro Comando Puro**].

Naquele momento eu ainda não sabia disso, acho que a morte aconteceu um pouco depois, não lembro exatamente. Mas, ao perceber a movimentação, já pensei: "Isso não vai terminar bem." Fiquei esperando alguma notícia sobre a escola, já que ela fica perto da Vila do João. A dúvida era se iam cancelar ou não as aulas, porque estava claramente perigoso, tanto pra mim quanto pras crianças, que teriam que sair de casa e ir pra aquela direção.

[...]

Fiquei pensando nas crianças. Na última aula — também durante uma semana de operação — a professora [**Camila – supervisora na E.M. Bahia**] perguntou o que elas achavam daquilo. Muitas disseram que era normal. E é isso que mais pesa: pra nós, é normal, mas não deveria ser.

É algo que vai além do incômodo. É uma violência que se naturalizou. Ninguém deveria ter o direito de chegar atirando num lugar onde vivem famílias, crianças, trabalhadores. Mas acontece. Porque dizem que é "defesa". E sim, existe o tráfico, existe o risco, mas ainda assim, não está certo.

Quando eu era bem jovem, não tinha essa consciência toda. Pra mim, também era só mais um dia sem aula. Eu adorava. Até o dia em que o pai da minha melhor amiga morreu numa dessas operações, voltando pra casa depois de levar a esposa ao trabalho. Foi baleado. Morreu na porta de casa. E aí ficou tudo mais real.

A violência, pra quem cresce nela, é uma coisa abstrata. Só vira concreta quando acontece com a gente ou com alguém próximo. Quando a realidade bate na porta, sem aviso, e leva embora alguém querido. É aí que a ficha cai. (Vitória)

12 de maio

Me entristeceu um pouco a falta do projetor, para poder exibir pinturas, esculturas e igrejas, tão essenciais ao movimento, e também para despertar uma curiosidade. Apesar de deixar um resumo para eles das principais características, senti essa falta das imagens para apoiar minha fala e logo me veio o trecho do Freire à mente: "Os homens alcançam a razão dos obstáculos na medida em que sua ação é impedida. É atuando ou não podendo atuar que se lhes aclaram os obstáculos à ação, a qual não se dicotomiza da reflexão". Essa passagem reflete bem esse dia acerca das limitações da escola, além das minhas limitações e faltas até o momento, sobre como posso me adaptar a isso para ser uma profissional (agir e refletir) competente. (Isabella)





15 de maio

Lendo o livro do Paulo Freire **[Educação e Mudança]**, em que ele fala sobre o profissional, mesmo inserido no papel burocrático numa sociedade em que vivemos, deve permanecer progredindo e perpetuando seu papel como homem no agir e refletir. Eu penso que, agora, me vejo agindo (procurando me capacitar e pondo em prática no PIBID) e refletindo (pensando sobre mim mesmo e o meu papel como propagador de conhecimento). Quero muito poder continuar aprendendo e me tornar agente que pode fazer com que diversas pessoas possam se emancipar através do conhecimento. (Sávio)

Os integrantes do PIBID, como consta nos escritos, apresentam uma posição singular para a própria formação. Ao mesmo tempo em que eles se enxergam como estudantes ainda, avaliando a própria posição a partir dessa perspectiva singular (“muitos têm quase a minha idade: - Clara; “Eu prefiro aulas menos densas”- - Francisco), eles já se propõem a avaliar, decidir e ensinar (“coloca o professor em uma posição de “humildade”, pois este tem a noção de que ele mesmo pode se surpreender e ganhar com os pontos de vistas de seus estudantes” - Fernanda). É perceptível, nas reuniões com eles, essa dupla posição: como são afetados pelos professores da Faculdade, como estudantes, ao mesmo tempo em que já participam do planejamento das aulas e da própria execução das sequências pedagógicas, e como tais atividades afetam os estudantes que eles observam. Essa dupla posição se agudiza a partir do gênero diário, porque eles, ao mesmo tempo em que escrevem, avaliam. O desenvolvimento de uma especial empatia com os alunos aparece quase naturalmente, no caso (“Pensar que ouvir outros relatando suas experiências de leitura também se constitui como um ato de ler. Ler através do outro. Ler em construção com outro.” Fernanda).

Torna-se muito produtiva para a constituição docente essa posição tensa de estudante que adquire nova posição epistemológica paulatina de docente que avalia a partir do diário. Os estudantes escrevem sobre si, pesquisam e escrevem sobre um outro em um processo contínuo de aprendizagem e ensino. Tal dinâmica poderia ter uma resposta nossa imediata baseada em uma linearidade formativa: os docentes estão nascendo enquanto a posição de aluno está ficando no passado. No paradigma cumulativo que permeia parte da educação tradicional, a posição de professor seria a posição final a partir do caminho progressivo. Rejeitamos, no entanto, esse pressuposto e propomos que esse hibridismo da posição estudante/professor seja a semente da fundação do professor-pesquisador. No caso, a prática docente, aquela que pressupõe a avaliação constante dos estudantes, por exemplo, estaria em





consonância com uma atitude periódica de aprendizado, de abertura ao outro, como apontam Clara e Fernanda, e de autoavaliação dos próprios métodos, como pontua Francisco. Assim, o diário escrito pelos Pibidianos se mostra não como uma etapa a ser superada para a fase final: tornar-se docente. Pelo contrário, o diário se torna um instrumento de fomento e fundação do professor-pesquisador, aquele que se implica subjetivamente no processo, ensina e aprende, avalia e reflete sobre si mesmo.

As entradas de Akemi e Danilo mencionadas anteriormente apresentam suas reflexões que estabelecem conexões entre a vida estudantil, ao citar a faculdade, a atuação no PIBID na escola e suas vidas pessoais. Ao falar sobre o amadurecimento em relação às suas leituras de formação acadêmica (Akemi) ou refletir sobre as condições de vida de Carolina Maria de Jesus e sua importância na escolha de tema de samba-enredo (Danilo), os bolsistas reverberam o pensamento de Paulo Freire (2013) sobre qual seria o papel do educador quando ele afirma que o homem deve ser comprometido a atuar e refletir sobre o mundo no qual está inserido antes mesmo de ser professor. Vida e atuação profissional se implicam porque o professor é acima de tudo um ser atuante no mundo.

O contexto de violência que cerca o complexo da Maré, onde o GET Bahia está localizado, é recorrente em muitas entradas dos diários dos bolsistas do PIBID. O que Vitória e Amanda relatam são situações que infelizmente são vistas pelos alunos da escola com certa normalidade, mas que refletem a banalização da violência, muitas vezes promovida pelo próprio Estado. Amanda cita a ausência dos estudantes um dia operação na Maré no qual é estabelecido um protocolo de segurança em que as faltas são justificadas e aqueles alunos que não se sentem seguros para irem à escola, podem ficar em casa em segurança sem que isso os afete em relação ao percentual de presenças no ano letivo. Quando menciona a falta dos estudantes, a bolsista deixa evidente que há também a privação do direito desses estudantes frequentarem a escola, o que resulta em perdas significativas de dias letivos e os deixam cada vez mais para trás quando comparados a estudantes de outras redes de ensino ou mesmo de outras localidades dentro da própria rede pública. O relato de Vitória é forte e provocativo, pois, assim como ela mesma lidou com o falecimento de um conhecido em uma operação, muitos dos estudantes também já tiveram de lidar com a morte de pessoas queridas. Na escola, temos que lidar todo o tempo com a reformulação de cronogramas, mudanças de





última hora e adaptações das aulas para nos encaixarmos no contexto do qual a comunidade escolar faz parte.

Ainda, em consonância com os relatos dos colegas bolsistas já referidos, os registros de Isabella e Sávio nos permitem observar que neste momento em que os bolsistas, em concomitância com a vida discente, passam também a assumir, na prática, a posição de professores e ponderam sobre o fazer docente, soma-se, aos desafios que se apresentam fora dos muros da escola e que impactam o bem-estar e bom funcionamento da comunidade escolar, aqueles obstáculos que são percebidos no interior da unidade educacional, bem como àqueles que, por conseguinte, erguem-se no interior deles próprios.

Isabella, em sua entrada, sinaliza a falta de recursos pedagógicos na instituição, o que fez com que sua aula não acontecesse da maneira produtiva que ela havia idealizado; então, lemos que o sentimento de que tal oportunidade de aprendizado foi vedada àquelas crianças, por fim, a afetou emocionalmente, de modo que a bolsista se pôs a, apoiando-se em considerações de Freire (2013), refletir sobre as limitações da escola, sobre suas próprias limitações e sobre adaptação, visando tornar-se uma profissional competente que não apenas reflete a respeito das circunstâncias, mas que age. Por sua vez, a entrada de Sávio também esboça igual comprometimento. O bolsista, que também cita pensamentos de Freire (2013), deixa evidente que seu propósito é seguir como um profissional que reflete sobre sua condição na sociedade, o seu papel como educador e que age, a fim de que vidas sejam emancipadas por meio do conhecimento. O registro de ambos os pibidianos nos permite conceber que, dentro dos muros da escola, há dois desafios importantes para a vida docente: um externo (limitações na estrutura escolar, materiais educacionais problemáticos, falta de recursos pedagógicos etc.) e outro interno, que diz respeito a um compromisso pessoal do profissional em se pôr a refletir sobre as circunstâncias ao redor e decidir seguir em frente, isto é, enfrentar os obstáculos externos, agindo em nome da concretização de uma educação plena e libertadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





As entradas escolhidas mostram esses futuros professores de Língua Portuguesa em um importante movimento de tomada de consciência da realidade / do contexto em que estão inseridos nas escolas (núcleos do Programa), na cidade do Rio de Janeiro e na sua formação que exige uma conexão entre teoria e prática para que possam “diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos” (FREIRE 2019, p.63). Ainda temos mais dezenove meses até o término do programa e pretendemos manter os registros, propondo cada vez mais que eles pratiquem o gênero diário em toda sua potencialidade. Também temos como objetivo promover a leitura em pares entre os bolsistas e produzir e-books com os diários, pois acreditamos que esses escritos oferecem várias entradas para reflexão sobre a formação de professores de Língua Portuguesa – profissionais que lidam diariamente com a escrita e com a leitura e que, por conta disso, devem se apropriar da escrita e da leitura como formas de ação sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

- CAPES. Edital nº 10/2024 – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Brasília, 2024. Acesso em: 02/10/2025. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/29052024_Edital_2386922_SEI_2386489_Edital_10_2024.pdf
- BARRETO, Lima. Diário Íntimo. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- FOLMAN, Ari (adaptação); POLONSKY, David (ilustração). O diário de Anne Frank em Quadrinhos. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 62a. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra: 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014.
- LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- MACHADO, Anna Rachel. Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007.
- SOUZA, R. C. de S. e. (2016). O diário de leitura no ensino fundamental: considerações iniciais. Revista Cerrados, 25(42), 181–209. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25332>



